

FUTEBOL E HOMOFOBIA: AS PERCEPÇÕES DE UM GRUPO DE GRADUANDOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

William Charles Osório Gomes¹, Luiza Aguiar dos Anjos², Silvana Vilodre Goellner³

1- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor de Educação Física.

gomes202@hotmail.com

2- Instituto Federal do Rio de Janeiro. Doutora em Ciências do Movimento Humano.

luizaaguiardosanjos@gmail.com

3- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Educação. vilodre@gmail.com

RESUMO

Este estudo busca entender as experiências e percepções de um grupo de estudantes do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sobre a homofobia no contexto do futebol. Para a coleta dos dados, utilizamos um questionário dividido em três partes: perfil, ofensas verbais e homofobia. Responderam a este questionário 62 graduandos. Foram escolhidos futuros professores de Educação Física, entendendo-os como agentes formadores de cidadãos que podem contribuir para a desconstrução de padrões hegemônicos, proporcionando aos alunos percepções críticas sobre a sociedade em que vivem. Concluímos que os sujeitos entendem como homofobia o trato com desrespeito e inferioridade para com o indivíduo homossexual e que os xingamentos, mesmo no contexto ritualizado do esporte, colaboram para reforçar discursos preconceituosos e discriminatórios no futebol.

Palavras-chave: Homofobia. Futebol. Xingamentos.

FOOTBALL AND HOMOPHOBIA: PERCEPTIONS FROM A GROUP OF PHYSICAL EDUCATION'S UNDERGRADUATES

ABSTRACT

This study aims to understand the experiences and perceptions of a group of students of the undergraduate degree in Physical Education of Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) on homophobia in the context of soccer. To collect the data we used a questionnaire divided into three parts: profile, verbal offenses and homophobia. 62 graduates answered this questionnaire. Future Physical Education teachers were chosen as agents that form citizens

and that as so can contribute to the deconstruction of hegemonic patterns, providing students with critical insights about the society in which they live. We conclude that the subjects understand as homophobia the treatment with disrespect and inferiority towards the homosexual individual and that the curses, even in the ritualized context of the sport, collaborate to reinforce prejudiced and discriminatory speeches in soccer.

Keywords: Homophobia. Soccer. Cursing.

FÚTBOL Y HOMOFOBIA: LAS PERCEPCIONES DE UN GRUPO DE GRADUANTES EN EDUCACIÓN FÍSICA

RESUMEN

El objetivo de este estudio es comprender las experiencias y percepciones de un grupo de estudiantes de pregrado en Educación Física de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS) sobre la homofobia en el contexto del fútbol. Para la recolección de datos, utilizamos un cuestionario dividido en tres partes: perfil, delitos verbales y homofobia. 62 graduados respondieron este cuestionario. Se eligieron futuros maestros de Educación Física, entendiéndolos como agentes que capacitan a los ciudadanos que pueden contribuir a la deconstrucción de los patrones hegemónicos, proporcionando a los estudiantes información crítica sobre la sociedad en la que viven. Concluimos que los sujetos entienden como homofobia el tratamiento con falta de respeto e inferioridad hacia el individuo homosexual y que las maldiciones, incluso en el contexto ritualizado del deporte, colaboran para reforzar los discursos prejuiciosos y discriminatorios en el fútbol.

Palabras clave: Homofobia. Fútbol. Ofensa.

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade marcada por discursos hegemônicos que hierarquizam sujeitos, grupos, modos de se expressar. Logo nos primeiros anos de vida, começamos a receber estímulos sobre como devemos ou não devemos agir e interagir dentro de um coletivo, sobre o que é considerado “certo” ou “errado”. Esta lógica reforça discursos hegemônicos ao não valorizar a diversidade dos seres humanos, culminando na reprovação, repulsa ou negação daqueles indivíduos que se manifestam de modo diferente dos preceitos culturalmente estabelecidos.

Ao nascer, a tradição define que as roupas dos meninos devem ser azuis e as das meninas rosas. Os meninos são ensinados a jogar bola e a não levar desaforo para casa, além de serem permitidos a tirar a camisa e urinar em locais públicos. Na adolescência, geralmente, eles são incentivados à iniciação sexual precoce, às vezes sem sua vontade, pois é preciso garantir sua posição de macho desde cedo. Por outro lado, as meninas são voltadas a uma variedade de ensinamentos diferentes ou até mesmo opostos, visando, sobretudo, preservar uma dada feminilidade. Segundo Goellner (2000), o corpo feminino é vigiado e manipulado pela sociedade a fim de atender a uma representação hegemônica de feminilidade, beleza e bom comportamento, formando mulheres para o casamento e a maternidade.

Os receios e cuidados direcionados ao gênero não raro são associados à sexualidade. Nas palavras de Welzer-Lang (2001, p.465), “os homens que não mostram sinais redundantes de virilidade são associados às mulheres e/ou a seus equivalentes simbólicos: os homossexuais”. Assim, recomenda-se que meninos e meninas adotem expressões condizentes à masculinidade e à feminilidade, respectivamente, hegemônicas e socialmente prescritas, a fim de evitar o risco de “se tornarem” – na interpretação do senso comum – homossexuais. Como destaca Butler (2011), a sexualidade é regulada através do policiamento e da vergonha do gênero. Nessa perspectiva, não é desejável que meninos brinquem com bonecas ou coreografem passos de dança em frente ao espelho. Desde cedo, de um modo geral, eles são incentivados à prática de esportes de contato, como o futebol e as lutas, a buscar papéis de liderança dentro do seu grupo etc.

No cenário atual, em que pese a possibilidade de aceitação da homossexualidade em alguns contextos, ainda impera a compreensão de que a expressão de gênero dos sujeitos deve se adequar a uma linearidade sexo-gênero (BUTLER, 2003). A vida e as relações são orientadas pela cultura heterossexual, na medida em que a norma estruturante de tal perspectiva é definida pelo conceito de heteronormatividade (WARNER, 1993), mantendo-se, assim, uma hierarquização entre as sexualidades.

No cerne desse tratamento discriminatório, a homofobia tem um papel importante, dado que é uma forma de inferiorização, consequência direta da hierarquização das sexualidades, que confere a heterossexualidade um *status* superior e natural. Enquanto a heterossexualidade é definida pelo dicionário como a sexualidade (considerada normal) do heterossexual, e este, como aquele que experimenta uma atração sexual (considerada normal) pelos indivíduos do sexo oposto, a homossexualidade, por sua vez, encontra-se desprovida dessa normalidade (BORILLO, 2009, p. 17).

A homofobia serve então como ferramenta de discriminação, abominação e exclusão de indivíduos que se desviam da heterossexualidade, indo de encontro à pluralidade com que os indivíduos deveriam poder manifestar seus afetos e desejos sexuais. Ela se faz presente e se manifesta em nossa sociedade de modos diversos, por vezes mais ou menos explícitos.

Um dos ambientes em que podemos presenciar ações de homofobia de forma corriqueira e explícita é no contexto futebolístico. Frequentado principalmente por homens heterossexuais, que nesse ambiente socializam com seus semelhantes, eles procuram exaltar e se orgulhar de sua heterossexualidade, oprimindo práticas e sujeitos que desviam da masculinidade ali praticada. Apesar de inegável a presença de diversas masculinidades nesse espaço, as mais valorizadas nos estádios se ancoram em atributos como a coragem e a

virilidade, componentes comuns de representações de masculinidades heroicas e esportivas (BANDEIRA; SEFFNER, 2013).

Pinheiro e Ludwig (2008) expõem que a hierarquia entre as masculinidades expressa a relação de poder entre as diferentes formas de vivenciá-las. Uma maneira de estabelecer a dominação de uma masculinidade em relação à outra é desmerecendo ou duvidando da heterossexualidade de um sujeito, e conseqüentemente da sua masculinidade. No futebol, isso se manifesta tanto por meio de cânticos e gritos que associam o adversário à feminilidade ou à homossexualidade, quanto impondo-o à submissão física por meio da violência.

Entre a violência física e a violência verbal, uma parece ser mais coibida em relação a outra. A violência física costuma ocorrer de forma eventual, enquanto a violência verbal é uma constante nos espetáculos futebolísticos (BANDEIRA; SEFFNER, 2013). Apesar disso, enquanto confrontos físicos podem intervir no andamento da partida, mobilizar efetivos da polícia e gerar punições à torcida e ao clube, a violência verbal raramente é tratada como um problema e com frequência é utilizada com naturalidade como forma de apoiar o time.

Nos estádios, xingamentos de conotação sexual ganham força. Para Toledo (1993), esses xingamentos podem estar ligados à autoafirmação de uma masculinidade ou à intimidação de outra masculinidade. Se xingamentos de autoafirmação procuram exaltar atributos masculinos de coragem, virilidade, força e agressividade, os xingamentos de intimidação visam ligar o alvo das ofensas à submissão, passividade sexual ou feminilidade.

Os esportes em geral, e em especial o futebol, endossam a virilidade exacerbada em detrimento de outras expressões de masculinidade, fato que, além de excluir e invisibilizar os homossexuais, é capaz de produzir o afastamento de sujeitos que não se ajustam à tais expectativas (CUNHA JÚNIOR; MELO, 1996; MORAES; SILVA, 2008; PRADO, 2017; SANTOS, 2008).

Assumimos aqui a compreensão de que os xingamentos que circulam nos ambientes futebolísticos, tão naturalizados, contribuem para tais processos de discriminação e exclusão. Tendo em vista esse cenário, este estudo tem como objetivo analisar as experiências e percepções de um grupo de estudantes do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sobre a homofobia no contexto do futebol.

A pesquisa é de cunho quali-quantitativo e, para realizá-la, foi elaborado um questionário semiaberto para a coleta de dados junto ao grupo de intervenção: estudantes do quinto semestre do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dividimos o questionário em três partes: 1) perfil, no qual buscamos

identificar as características do grupo e o seu envolvimento, ou não, com o futebol; 2) ofensas verbais, na qual procuramos verificar a relação dos entrevistados com a prática de xingar; 3) por fim e mais importante, homofobia, através da qual buscamos entender quais as percepções e conceitos nosso grupo tem acerca do termo homofobia e de sua presença na sociedade e no futebol. Nas respostas abertas, identificaremos os sujeitos a partir da sigla S, de sujeito, seguido do número correspondente ao estudante, que vai de 1 a 62, quantidade total de colaboradores da pesquisa.

A pesquisa está inserida em um projeto maior desenvolvido no Centro de Memória do Esporte, intitulado Garimpo Memórias, aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS sob o número 2007710.

DISCUTINDO OS RESULTADOS

Uma vez coletados os questionários, a análise se deu considerando alguns pressupostos da análise de conteúdo proposta por Bardin (1988), cuja efetivação ocorreu a partir de três fases distintas: a pré-análise, na qual foi realizada a organização do material empírico, nesse caso, as respostas dos questionários; a exploração desse material e o diálogo com as outras fontes de pesquisa, caracterizada pela codificação a partir de temas específicos; e, por último, o tratamento dos dados que foram categorizados e interpretados tendo em vista os objetivos da pesquisa. Para expor as análises, optamos por agrupar as respostas de cada uma das três partes que integram o questionário, o que direcionou o formato de apresentação dos resultados aqui abordados a partir de três temas: perfil, ofensas e homofobia.

O perfil dos discentes pesquisados

A média de idade do grupo que respondeu ao questionário dessa pesquisa foi de 26,5 anos, dos quais, 35 indivíduos se identificam com o gênero masculino, 25 com o gênero feminino e 1 indivíduo não se identificou com nenhum dos gêneros. Por se tratar de um grupo de graduandos, todos os indivíduos cursavam o ensino superior, sendo que, deste total, 9 já cursavam sua segunda graduação. Todos os sujeitos desta pesquisa residem em Porto Alegre ou em sua região metropolitana.

Esta parte do questionário também indagou a respeito de suas crenças religiosas, sendo que a maior parte dos entrevistados se afirmaram católicos (19) ou espíritas (10). Outras religiões também foram citadas, tais como: budismo, luterana, evangélica e umbanda. A pergunta foi inserida, pois acreditávamos que tal vínculo pudesse intervir no modo dos estudantes interpretavam a homossexualidade.

A ampla maioria dos entrevistados (90,3%) torce pelos clubes de maior tradição no Rio Grande do Sul: Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (36) e Sport Club Internacional (20). Identificamos, também, torcedores de times tradicionais e de grande representatividade no Brasil, como o Clube de Regatas do Flamengo (1) e o Sport Club Corinthians Paulista (2). Apenas um participante respondeu não torcer por nenhum time de futebol.

Perguntamos, também, acerca do vínculo e do sentimento que este grupo de estudantes e torcedores mantém com seus clubes do coração. Entre os 62 entrevistados, 72,5% afirmam amar (14) ou gostar muito (31) do clube, enquanto os demais identificaram sentimentos mais brandos em relação ao seu time.

A frequência com que os entrevistados assistem às partidas do seu clube acompanhou o sentimento declarado na pergunta anterior. Os 14 indivíduos que declararam amar o clube afirmam assistir a todos os seus jogos. Já os 31 que disseram gostar muito, afirmam assistir entre um ou dois jogos por mês. Os 17 restantes, por sua vez, indicam assistir jogos aleatórios (1), jogos importantes, como finais de campeonatos (8), raramente (3) ou nunca assistirem (5) aos jogos.

Quando perguntados com que frequência costumam acessar notícias sobre o seu clube, 48 indivíduos demonstraram maior interesse a respeito do cotidiano do time, sendo que 17 sujeitos afirmaram buscar notícias diariamente e 31 sujeitos algumas vezes por semana. Apenas 7 entrevistados disseram não ter nenhum interesse em acompanhar notícias do seu clube.

Apenas 2 participantes fazem parte de torcidas organizadas. Uma entrevistada é integrante da Força Feminina Colorada (FFC), do Internacional, e um entrevistado integra a Borrachos Restinga, do Grêmio.

Na última questão desta primeira parte do questionário, buscamos estabelecer qual o sentimento deste grupo de torcedores em relação ao maior rival do seu time. A maioria dos sujeitos (53) demonstrou sentimentos não relacionados à animosidade acerca do rival, como: respeito (31), indiferença (18) e amizade (4). Apenas 3 indivíduos afirmaram odiar o clube rival ao seu.

As ofensas verbais

Segundo Zanello (2011), o xingamento é uma poderosa arma de controle social que determina, ou delimita, quais sujeitos não são desejáveis em um determinado espaço. E o que se julga como indesejável para determinado grupo social irá depender da cultura do coletivo analisado. No caso do futebol, um perfil não desejável são os homossexuais ou aqueles que

não praticam a masculinidade adequada a esse contexto, pois estariam ligados à fraqueza, submissão, falta de masculinidade, feminilidade, ingredientes evitados a todo custo na cultura viril do futebol.

Nesse sentido, essa parte do questionário buscou avaliar o posicionamento dos participantes da pesquisa quanto a essa questão. A primeira pergunta indagou se os entrevistados costumam xingar nos ambientes futebolísticos e com que frequência. Quatorze indivíduos afirmaram não xingar enquanto assistem a uma partida de futebol. Dos 48 sujeitos que xingam, temos alternâncias quanto à frequência da utilização dos xingamentos, sendo que 17 xingam pouco, 24 xingam às vezes e 7 xingam muito.

Procuramos, nesse momento, identificar quais termos são mais utilizados nos xingamentos e, para auxiliar, elencamos dezessete termos comumente referidos no contexto do futebol gaúcho, deixando ainda espaço para que fossem indicados outros que não havíamos mencionado. Entre os termos mais citados pelos entrevistados constam: burro (17), filho da puta (15), porra (11) e vai tomar no cu (11). Termos de cunho racista como macaco e preto safado, não foram mencionados como xingamentos utilizados. Um dos sujeitos, mesmo não identificando o uso do termo macaco, registrou seu entendimento de que tal expressão, quando usada no contexto futebolístico, não seria uma expressão racista.

Para Bandeira e Seffner (2016) existe uma permissividade histórica da torcida gremista para utilização dos termos “macaco”, ou sua derivação “macacada”, para designar torcedores do Internacional. Essa expressão apenas passou a ser interdita nos estádios após o “Caso Aranha”, em que o Grêmio foi punido devido a gritos racistas direcionados ao goleiro adversário em uma partida válida pela Copa do Brasil de 2014. Após o ocorrido, a torcida tricolor passou a repreender com vaias quando algum grupo emprega o termo “macaco” nos cânticos, mostrando (repentina) desaprovação a esta ação.

Sabendo os termos utilizados e a frequência com que xingam, questionamos os sujeitos sobre a intenção com que proferem os xingamentos no estádio de futebol. Dezesseis indivíduos apontaram que não frequentam estádios de futebol ou que não xingam quando vão ao estádio.

A maioria dos demais, ao responder acerca da motivação para proferir tais ofensas, afirmou que a ação de xingar está atrelada a liberação e extravasamento das tensões produzidas pelo jogo e a demonstração de sentimentos de reprovação por alguma ação que julgam incorreta dentro da partida, como uma marcação do árbitro ou uma substituição feita pelo técnico. As palavras “demonstrar”, “liberar” e “extravasar”, apareceram com certa frequência nas respostas, conforme as dissertativas abaixo:

Para demonstrar irritação, desgostos por uma atitude (S10).
Liberar raiva de dentro de mim (S12).
Descontentamento, extravasar (S33).
Descontar a raiva por alguma ação que não achei correta, seja do juiz ou do jogador (S55).

Esse posicionamento dialoga com pressupostos de Elias (1992), para quem a harmonia do convívio em sociedade depende do autocontrole dos sentimentos. O autor sugere que os espaços de lazer funcionam como uma válvula de escape para os indivíduos, que ali estão liberados de controlar esses sentimentos. Nesse sentido, podemos pensar o futebol como um ambiente de lazer, em que o sujeito tem permissão para agir de um determinado modo não permitido em outras esferas sociais, como por exemplo no trabalho e na família, por exemplo.

Três indivíduos indicam que xingam para fazer parte do contexto e se sentirem inseridos no ambiente do estádio. Desse modo, adotam o comportamento da maioria dos torcedores, tornando-os parte da “massa”.

Para fazer parte da massa, reclamar após um erro (S6).
Não sei dizer, acaba sendo pelo efeito manada (Maria vai com as outras) (S29).
Todos xingam, então também xingo (S37).

Evidenciando que apesar da maior permissão às ofensas o ambiente do futebol não é totalmente livre a elas, dos 62 indivíduos que responderam ao questionário, 58 (94%) afirmaram que evitam utilizar algum dos dezessete termos elencados anteriormente em algum cântico de sua torcida. Para justificar o desuso dos termos, os sujeitos atestaram considerá-los expressões homofóbicas ou racistas, sendo termos ofensivos e preconceituosos, e, por isso, inapropriados mesmo no contexto futebolístico.

Por eles, em grande parte, serem racistas e homofóbicos (S2).
Acho desnecessário e muito ofensivo (S8).
Não concordo com estes termos pela questão racial e tentar tornar o estádio um lugar para todos (S41).
Evito por não concordar com estes xingamentos (S46).
Com as informações sobre violência não acho legal instigar o preconceito, mais do que já acontece (S53).

Quatro indivíduos apontam que não deixam de utilizar nenhum dos termos elencados, justificando que, ao xingar, não têm a intenção de ofender ninguém. Enquanto essa posição é minoritária em nossa pesquisa, ela foi amplamente majoritária nos trabalhos de Bandeira (2017) e Cashmore e Cleland (2011), desenvolvido junto a torcedores de futebol. Seus colaboradores adotam xingamentos homofóbicos em gritos e cânticos, e acreditam que há um

exagero no policiamento do que é dito nos estádios, indo de encontro ao que defendem a maioria dos nossos entrevistados.

Perguntamos também, se os entrevistados entendiam que as ofensas eram formas de violência. A maioria dos indivíduos (48, referente a 77%) respondeu que sim, justificando ser uma forma de violência verbal, podendo ser tão ou mais prejudicial que uma agressão física.

Porque violência não é só física, pode ser verbal ou não-verbal também. No caso dos xingamentos, é uma violência verbal e geralmente envolvida com alguma intolerância (S2).

É um tipo de agressão (verbal) a outro (S13).

Sim, pois tem o objetivo de machucar psicologicamente outro indivíduo (S20).

Porque xingar alguém é uma forma de machucar sem usar a força física (S44).

Alguns dos sujeitos justificaram que consideram a violência verbal o prenúncio do que pode vir a se tornar uma violência física.

Muitas violências físicas iniciam de xingamentos (S7).

Sim, pois é precedente da agressão física (S8).

Não se sabe que gatilhos um xingamento pode acionar, podendo ocasionar até violência física. Xingamento é uma forma de violência psicológica (S26).

Doze indivíduos consideram que, em parte, a prática de xingar pode ser considerada um ato de violência. Na sua percepção, algumas variáveis devem ser consideradas, como o termo escolhido, o modo como foi proferido e para quem foi dirigido, antes de rotular o xingamento uma ação de violência.

Esse entendimento dialoga com o que evidencia Marra (2017) ao afirmar que a ofensividade de termos utilizados como xingamentos pode variar conforme a situação em que são acionados e a relação entre aqueles que proferem a ofensa e seus alvos. Para o autor, o fato de serem ditos de forma individual ou coletiva, o uso como resposta a um acontecimento do jogo ou como iniciativa espontânea, a frequência e a entonação empregada são elementos que produzem efeitos distintos. Considerando esses aspectos, refere que é possível diferenciar motivações mais relacionadas ao ódio, à indignação, à brincadeira ou ao amor. Apesar de haver alguma imprecisão nessa divisão, elas parecem ajudar a perceber a aceitação ou não de termos ofensivos em diferentes momentos no contexto futebolístico.

Por fim, 2 indivíduos consideraram que os xingamentos não representam uma forma de violência, porém optaram por não justificar suas respostas. Para Bandeira e Seffner (2016, p. 986) “não há uma concordância definitiva acerca do que seja considerado violento ou não em termos de cânticos e xingamentos”. Os autores acreditam que, para algumas pessoas,

determinadas manifestações de violência no ambiente do futebol são vistas como positivas, pois identificam que ali é lugar para expressar esse tipo de comportamento. Já para outros, a violência produzida, encenada, ensinada e aprendida nesse espaço específico irá repercutir em outros ambientes.

A última pergunta desta parte do questionário buscou perceber se os sujeitos consideram termos como “viado” ou “bicha” como manifestações de preconceito. Quarenta e cinco indivíduos (73%) consideram como uma ação preconceituosa, pois o emprego desses termos busca relacionar a homossexualidade como inferior à heterossexualidade. Treze sujeitos entendem que o emprego desses termos pode ser considerado preconceituoso, a depender de algumas variáveis, como: o alvo se sentir ou não ofendido; o alvo ser homossexual; a proximidade afetiva que se possui com o alvo.

Só se a pessoa se sentir ofendida de verdade e não se importar, caso contrário é uma brincadeira (S4).

Depende da interpretação da pessoa que foi xingada (S15).

Depende do quão próximo tu é da pessoa e o intuito do xingamento. Ofender é algo corriqueiro entre amigos (S39).

Precisa ter uma certa intimidade com a pessoa (S40).

Se a pessoa for homossexual xingar de viado ou bicha é preconceito (S58).

Quatro indivíduos não consideram como uma forma de violência a utilização desses termos em xingamentos, sendo que dois deles justificaram suas respostas. A primeira justificativa simplesmente afirma não considerar um ato preconceituoso o emprego dos termos, indicando sua legitimidade às ofensas verbais. A segunda indica que nas situações em que os termos “bicha” ou “viado” são utilizados como pronome de tratamento informal utilizado entre amigos, tais expressões não deveriam ser entendidas como manifestações de preconceito.

A homofobia

Nesta última parte do questionário, a primeira questão perguntou se os entrevistados se consideram pessoas homofóbicas. Grande parte dos sujeitos (49, referente a 79%) não se considera homofóbico, justificando que respeitam e entendem que as pessoas são livres e têm o direito de se relacionar afetivamente do modo como quiserem, ou então se mostram indiferentes quanto a sexualidade de um indivíduo.

Treze discentes apontam que são um pouco homofóbicos, uma vez que ainda se deparam com barreiras da heteronormatividade não quebradas, como nas situações abaixo descritas:

Porque respeito os gays. Tenho amigos gays, mas quando eles se beijam perto de mim penso: “desnecessário”, e mesmo que seja apenas um pensamento é um ato homofóbico (S6).

Não há como negar que há um pequeno preconceito intrínseco (S18).

Pois ainda tenho dificuldade de agir naturalmente diante de pessoas homossexuais (S25).

Um pouco, pois ainda não dos nos damos conta de que algumas coisas que falamos ou brincamos são de cunho homofóbico e é sempre amenizado (S26).

Para Rosa (2002), um modo de manifestação da homofobia velada acontece quando os indivíduos buscam certo distanciamento de vínculos com sujeito homossexuais, entendendo que eles não conseguem controlar seu impulso sexual. Logo, podem eventualmente permitir a amizade com homossexuais, mas sempre com ressalvas, por medo de os indivíduos não controlarem eventuais desejos.

Entre esses 13 indivíduos que se declararam um pouco homofóbicos, 2 destacaram que a cultura em que estamos inseridos é homofóbica, portanto, estaria refletindo que o ambiente articula a construção de nossa percepção do mundo e da sociedade, reforçando a discriminação de alguns sujeitos.

Vivemos numa cultura heteronormativa. Tendo crescido nela, devo reproduzir alguns atos homofóbicos, mesmo sem saber (perceber) e mesmo sendo gay (S11).

Porque o modelo de sociedade que é imposto a nós, nos faz pensar que ser gay é uma coisa ruim e negativa. E isso reflete em quem nós somos (S60).

No questionário, buscamos ainda verificar se os discentes eram a favor ou se mostravam contrários a direitos recentes conquistados por casais homoafetivos, tais como a união civil e a adoção. Cinquenta e quatro sujeitos se mostraram a favor da união estável entre duas pessoas do mesmo sexo, 6 indivíduos disseram ser indiferentes ou sem opinião formada sobre o tema, enquanto 2 são contrários a esse tipo de união civil.

Quanto à adoção de crianças por casais homoafetivos, 53 (85%) sujeitos são favoráveis, 6 (10%) se mostram indiferentes ou sem opinião formada e 3 (5%) sujeitos se mostraram contrários ao direito de adoção para casais homoafetivos.

Os índices consideráveis de sujeitos a favor desses direitos podem indicar que o grupo participante da pesquisa se mostra majoritariamente solidário e partidário aos direitos conquistados por indivíduos homossexuais, assim como admitem configurações familiares diferentes daquelas hegemonicamente constituídas por um homem, uma mulher e seus filhos.

Ao serem questionados se consideram, ou não, a homossexualidade uma doença, por unanimidade, os 62 indivíduos repudiaram esta hipótese.

Questionamos, ainda, se as suas crenças religiosas aceitam relações homoafetivas. Cinco indivíduos não responderam a esta questão. Entre os sujeitos que responderam, 35 (61%) afirmaram que suas crenças aceitam esse tipo de relação, enquanto 22 (39%) apontaram que sua religião desaprova relações entre pessoas do mesmo sexo. Apesar disso, baseado em respostas desses sujeitos a perguntas anteriores, pudemos perceber que suas crenças religiosas não parecem influenciar de forma definitiva suas opiniões sobre a homossexualidade.

A penúltima pergunta da terceira parte do questionário buscou identificar o que, para eles, é homofobia. Borillo (2009, p. 18) enfatiza que a “homofobia é um fenômeno complexo e variado”. Ela pode manifestar-se desde uma piada, em que o centro do deboche e da ridicularização é a figura do homossexual, ou até mesmo de forma mais brutal e chocante, como o caso do extermínio de homossexuais na Alemanha nazista (no passado) ou nos países do Oriente Médio (presente). Complementando, Junqueira (2007) afirma que o termo “homofobia” vem sendo progressivamente ressignificado. Antes vista apenas como um conjunto de emoções negativas (aversão, rejeição, medo, ódio) em relação ao indivíduo homossexual, hoje a homofobia se expande também à restrição a direitos de cidadania, como trabalho e direitos humanos, e até mesmo espaços públicos de convivência.

Todos os indivíduos, de alguma maneira, mostraram entender a homofobia como uma manifestação de negação ou rejeição em relação a homossexualidade, passando pelo desconforto na presença de um indivíduo homossexual, como também por ações que buscam inferiorizar, agredir e excluir esses sujeitos. Uma das linhas de resposta para esta questão se refere ao desconforto ou ao medo de contato com pessoas homossexuais.

Medo/indignação ao ver algo fora da heteronormatividade (S9).
Medo de pessoas homossexuais ou de ter uma relação de convívio com ela (S14).
Não aturar contato com homossexuais, não se sente bem perto deles (S56).

Outra linha de resposta indica que a homofobia pode estar associada a um tratamento desigual que busca desqualificar, inferiorizar ou excluir sujeitos homossexuais.

O fato de tratar diferente/menosprezar o homossexual (S3).
Achar que homossexuais são interiores e doentes (S12).
Ser preconceituoso e tratar de forma diferente os homossexuais (S16).
Desprezar, desrespeitar pessoas que gostam de outra do mesmo sexo (S48).

Alguns discentes ainda indicaram que a homofobia é oriunda da falta de conhecimento a respeito da discussão sobre gênero e sexualidade e aos diferentes modos que podem ser vivenciadas.

Acredito que antes de tudo falta de conhecimento e entendimento sobre a homossexualidade, desencadeando uma série de preconceitos (S11).
Para mim homofobia é um preconceito baseado no desconhecimento de uma pessoa em cima de características de outra pessoa (S50).

Para finalizar, perguntamos se os sujeitos consideram o estádio de futebol um ambiente homofóbico. Apenas um indivíduo discordou que o estádio de futebol é um espaço homofóbico, deixando sua resposta sem justificativa. Dois discentes não responderam à questão, justificando que não frequentam o estádio de modo regular. Os demais sujeitos (59) se dividiram entre os que consideram o estádio de futebol um ambiente um pouco homofóbico (24, referente a 39%) e os que acham que, de fato, trata-se de um ambiente propício para a manifestação da homofobia (35, referente a 56%).

A maioria das respostas justificadas interpreta o estádio como um ambiente masculino e machista, vinculando essas características à expressão da homofobia.

Por ser um ambiente másculo qualquer comportamento que fuja dos padrões impostos irá gerar preconceito (S5).

Pelo fanatismo que é somado ao machismo, por tudo que desvirtua a este comportamento é vandalizado (S6).

O futebol como espaço de reafirmação de masculinidade, como território dominado pelos homens não aceitam outras manifestações que não as da heteronormatividade (S11).

Porque perpetuam comportamentos machistas (S22).

Pelo fanatismo que é somado ao machismo, por tudo que desvirtua a este comportamento é vandalizado (S45).

Porque culturalmente é um espaço para homens (S49).

Segundo Franzini (2005), o universo do futebol caracteriza-se, desde sua origem, como um ambiente masculino, e tudo que seja diferente disso põe em risco a lógica que se atribui ao jogo. Em concordância, para Pinto e Almeida (2014, p.108), a “masculinidade reverenciada socialmente como dominante que acaba por discriminar e estigmatizar quem não se encaixa aos seus termos”. Desse modo, através de mecanismos como a homofobia e o machismo, criam-se hostilidades e barreiras para que homossexuais e mulheres não consigam participar livremente desse esporte.

Outra linha de resposta indica que os sujeitos identificam o estádio como um ambiente de confronto de masculinidades, em que a homofobia é um instrumento da disputa em questão, através da qual se busca desvalorizar as masculinidades *deles* para reforçar a *nossa* (BANDEIRA, 2010).

Por ser um local frequentado por maioria masculino, caracterizam como jogo de “macho” e os adversários são chamados de viado (S1).

Pois menosprezam as pessoas homossexuais o tempo todo (S5).

Pelas ofensas que são muitas vezes usadas (S17).

Pelos termos utilizados nos xingamentos (bicha, viado, entre outros) (S30).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudantes de Educação Física que integraram o grupo de participantes desta pesquisa, em sua maioria, têm relação com futebol e o torcer, ainda que com intensidades, frequência e modos de vivência do pertencimento variáveis.

Apesar de poucos manifestarem sentimentos de ódio em relação ao time adversário e seus torcedores, a maioria se utiliza de xingamentos ao assistirem as partidas, com a finalidade de aliviar as tensões provocadas pelo jogo ou para demonstrar desgosto por alguma atitude, situação ou sujeito.

Apesar de verificar a permissividade do contexto futebolístico a ofensas, a maioria interpreta que certos termos são inapropriados, em especial, aqueles de cunho preconceituoso. Dentro desse rol, expressões homofóbicas e misóginas são menos repudiadas do que as racistas, únicas a serem consensualmente rejeitadas. Ainda assim, esse policiamento contra expressões homofóbicas é notavelmente mais recorrente no grupo que pesquisamos do que em outros trabalhos que acessamos.

Entre nossos entrevistados, há o reconhecimento de que o ambiente do futebol é um espaço culturalmente masculino e machista, e onde são valorizadas masculinidades hegemônicas, desdobrando-se em práticas homofóbicas naturalizadas.

A maioria dos discentes não se considera homofóbico, mas admite uma homofobia velada justificada pelo ambiente onde foram criados ou estão inseridos. Eles acreditam que o conhecimento ajuda a desconstruir condutas preconceituosas e discriminatórias. Apenas uma minoria (aproximadamente 5%) rejeita a igualdade de direitos entre casais heterossexuais e homossexuais.

Os dados desta pesquisa apontam para o fato de que a maior parte dos estudantes pesquisados, os quais se encontram na fase final de sua formação como professores de Educação Física, sensibilizam-se quanto a questões referentes ao preconceito manifestas no contexto futebolístico. Essa sensibilidade, contudo, nem sempre se traduz em práticas condizentes quando se posicionam na condição de torcedores. Considerando que o futebol e o torcer são conteúdos e práticas recorrentes no currículo de formação de profissionais que atuam no campo acadêmico-profissional da Educação Física, reforçamos ser necessário problematizar questões afetas ao gênero e sexualidade e seus atravessamentos com as práticas corporais e esportivas, inclusive no futebol, dada a representatividade que tem em nossa cultura e história.

Referências

- BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades no estádio de futebol. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 44, p. 342-351, mai/ago, 2010.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, Paraná, v. 14, n. 29, p. 246-270, 2013.
- _____. Aranha, Macaco e Veado: o legítimo e o não legítimo no zoológico linguístico, nos estádios de futebol. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 985-998, jul/set, 2016.
- _____. Do Olímpico à Arena: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio. 2017. 342f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- BORILLO, Daniel. A homofobia. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora. **Homofobia e Educação**. Brasília: Letras Livres, 2009, p. 15-46.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. **Bodies That Matter: On the discursive limits of “sex”**. New York: Routledge, 2011.
- CASHMORE, E.; CLELAND, J. Glasswing butterflies: Gay professional football players and their culture. **Journal of Sport & Social Issues**, v.35, n.4, p.420–436, 2011.
- CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando Ferreira de.; MELO, Victor Andrade de. Homossexualidade, educação física e esporte: primeiras aproximações. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 18-24, 1996.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. O lazer no espectro do tempo livre. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p. 144-156.
- GOELLNER, Silvana Villodre. A Educação Física e a construção de imagens feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.6, n.13, p. 61-70, 2000.
- FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa pra macho”? Pequeno esboço para uma história de mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, jul/dez, 2005.
- JUNQUEIRA, Rogério. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas: estudos gays – gêneros e sexualidades**, v. 1, n. 1, Natal, p. 1-22, jul/dez, 2007.
- MARRA, Pedro Silva. “Ei, juiz, vai tomar no cu”: políticas torcedoras e do futebol e sonoridades de xingamentos em performances masculinas. **FuLiA/UFMG**, v. 2, n. 2, mai./ago., 2017.
- MORAES E SILVA, Marcelo. **Entre a ilha deserta e o arquipélago: mapeamentos e Cartografias das percepções de professores (as) sobre as Masculinidades produzidas nas aulas de educação física**. 2008. 216f. Dissertação (Mestrado em Educação). Curitiba: Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, 2008.
- PINHEIRO, Zuleira de Andrade Câmara. LUDWIG, Márcia Pinheiro. Masculinidades deslocadas: é possível falarmos em ‘donos da casa’? **Serviço Social & Realidade**. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 215-250, 2008.

PINTO, Mauricio Rodriguez. ALMEIDA, Marco Bettine. As torcidas queers em campo: a emergência de grupos que questionam a homofobia e o machismo no futebol. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 105-116, agosto, 2014.

PRADO, Vagner Matias do. “Fica no gol para pegar as bolas”: Educação Física Escolar e o dispositivo da (homo)sexualidade. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Orgs.). **Educação Física e Sexualidade: Desafios Educacionais**. v.1. Ijuí: Ed. Unijuí, 2017.

ROSA, Marcelo V. da. Educação Física e Homossexualidade: investigando as representações sociais dos estudantes do Centro de Desportos/UFS. **Motrivivência**, Santa Catarina, n. 19, 2002.

SANTOS, Luciene Neves. Corpo, gênero e sexualidade: educar meninas e meninos para além da homofobia. 2008. 136f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: Centro de Desportos – Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2/2001.